

TEORIA DA LOCALIZAÇÃO E CRESCIMENTO ECONÔMICO REGIONAL *1

Douglass C. North

I

Durante as últimas décadas, tem havido um crescente interesse pela teoria da localização nos Estados Unidos.

Partindo dos trabalhos pioneiros de Thünen, Weber, Lösch, Palander e outros,² muitos economistas e geógrafos desenvolveram a análise de modo a aplicá-la a um amplo espectro de problemas, e tentaram sintetizar a teoria locacional com outros campos da ciência

* Traduzido por Maria do Carmo Salazar Martins e revisado por Jacques Schwartzman de NORTH, Douglass C. Location Theory an regional economic growth, *Journal of Political Economy*, 63(3):243-58, jun. 1955, com permissão de The University of Chicago Press.

1. Sou grato, pelas críticas e sugestões, a vários de meus colegas da Universidade de Washington, especialmente Philip Cartwright, J. R. Huber, Franklyn Holzman, e Robert Lampman. O Diretor H. W. Stobe e o research Committee of the Graduate School at the Washington University generosamente forneceram assistência financeira para pesquisa, parte da qual foi usada neste artigo.
2. Pode-se encontrar um sumário das contribuições mais antigas à teoria da localização em:
HOOVER, E.M. *Location theory and the shoe and leather industries*, Cambridge, Harvard University Press, 1937.

econômica.³

Entretanto, muito pouco foi feito no sentido de aplicar os princípios da localização à análise histórica do crescimento das regiões dos Estados Unidos.⁴

Apesar dos economistas interessados na teoria da localização terem ressaltado algumas vezes as implicações de suas análises para o crescimento regional, eles não foram além dessas observações esporádicas, apresentando alguma análise sistemática. A principal dificuldade é o fato de que a teoria do crescimento econômico regional⁵ tem pouca relevância para a análise do desenvolvimento das regiões dos Estados Unidos. A seqüência de estágios descrita pela teoria não só apresenta pequena semelhança com o desenvolvimento americano, mas, também, suas implicações políticas fundamentalmente errôneas.

Este artigo tentará demonstrar a inadequação da atual teoria do crescimento econômico regional. Apresentará algumas proposições que poderão conduzir a uma teoria mais útil, tanto para a análise do desenvolvimento histórico da economia americana como para a compreensão dos problemas atuais, relacionados com o crescimento econômico regional.

As proposições analíticas aqui apresentadas, apesar de se referirem explicitamente ao desenvolvimento dos Estados Unidos, poderiam aplicar-se, da mesma forma, a outras áreas que apresentem as seguintes condições: (1) regiões que tenham se desenvolvido dentro de um quadro de instituições capitalistas e, portanto, sensíveis a oportunidades de maximização dos lucros, e nas quais os fatores de produção apresentaram relativa mobilidade⁶, e (2) regiões que tenham se desenvolvido sem

3. Além do valioso estudo de Hoover, supracitado, veja-se seu trabalho em: HOOVER, E. M. *The location of economic activity*. New York, McGraw Hill Book Co., 1948.
- Veja-se também em: OHLIN, Bertil. *Interregional and international trade*. Cambridge, Harvard University Press, 1935.
- NATIONAL RESOURCES PLANNING BOARD. *Industrial location and national resources*. Washington, government Printing Office, 1943.
- Também os artigos de Walter Isard citados posteriormente.
4. O trabalho de Walter Isard é uma importante exceção.
- ISARD, Walter. Transportation development and building cycles. *Quarterly Journal of Economics*, 57:90-112, Nov. 1942.
- Veja-se também: DEAN, William H. *The theory of the geographic location of economic activities*. Ann Arbor, Edward Bros, 1938 (Selections from the Doctoral Dissertation).
5. Veja seção II, adiante.
6. Obviamente, tanto a maximização dos lucros quanto a mobilidade dos fatores são noções relativas e não se verificam perfeitamente em nenhum lugar. Entretanto, há uma grande diferença entre a resposta de uma região subdesenvolvida, cuja estrutura econômica e social não está fundamentalmente

II

Tanto a teoria da localização como a teoria do crescimento regional descrevem uma seqüência típica dos estágios que as regiões percorrem no curso do seu desenvolvimento.⁷ E. M. Hoover e Joseph Fisher, em um recente ensaio intitulado "Research in Regional Economic Growth"⁸, afirmam que "existe atualmente um corpo de teoria razoavelmente acatado sobre a seqüência normal dos estágios do desenvolvimento de uma região."⁹ Esta seqüência pode ser esquematizada da seguinte forma:

1 — O primeiro estágio da história econômica da maioria das regiões é uma fase de economia de subsistência, auto-suficiente, na qual existe pouco investimento ou comércio. A camada principal da população, a agrícola, localiza-se de acordo apenas com a distribuição dos recursos naturais.

2 — À medida em que ocorrem melhorias nos transportes, a região passa a desenvolver algum comércio e especialização local. "Surge uma segunda camada da população que começa a gerir modestas indústrias locais para os agricultores. Uma vez que as matérias-primas, o mercado e a mão-de-obra são supridas originalmente pelas populações agrícolas, a nova 'super-estrutura industrial', tem sua localização determinada pela localização da 'camada básica'".¹⁰

preparada para estímulos capitalistas e para o tipo de resposta que se pode esperar de uma sociedade basicamente capitalista. A relutância do historiador econômico em utilizar mais amplamente os instrumentos da teoria deve-se, em grande parte, ao fato de a maior parte da história econômica do mundo não se enquadrar em nossa primeira condição sendo, portanto, a teoria econômica de pouca utilidade para a análise de uma grande parcela do seu desenvolvimento. Não obstante, os esforços conjugados de teóricos e historiadores da economia, em relação ao desenvolvimento dos Estados Unidos e algumas outras áreas, constituem uma promessa de resultados compensadores.

7. Veja em:

LÖSCH, August. The nature of economic region. *Southern Economic Journal*. 5: 71-8, July, 1938.

HOOVER, E. M. *Location theory and the shoe and leather industries*. p. 284-5. ——. *The location of economic activity*. p. 187-8.

8. UNIVERSITIES — NATIONAL BUREAU COMMITTEE FOR ECONOMIC RESEARCH. *Problems in the study of economic growth*. New York, National Bureau of Economic Research, 1949. cap. V.

9. Ibid, p. 180.

10. HOOVER, E. M. *Location theory and the shoe and leather industries*. p. 284.

O segundo estágio do desenvolvimento regional foi elaborado por Hoover e Fischer, de modo a induzir alguma especialização e comércio inter-regional futuros. (op. cit., p. 181).

3 — Com o aumento do comércio inter-regional a região tende a se deslocar através de uma sucessão de culturas agrícolas, que vão da pecuária extensiva à produção de cereais, à fruticultura, à produção de laticínios e à horticultura.¹¹

4 — Por causa do crescimento da população e dos rendimentos decrescentes da agricultura e das outras indústrias extrativas, a região é forçada a se industrializar. "Industrialização significa a introdução das chamadas atividades secundárias (indústria manufatureira e mineração) numa escala considerável".¹² Os primeiros estágios de industrialização baseiam-se, tipicamente, em produtos agrícolas e florestais e incluem atividades como processamento de alimentos, artefatos de madeira e preparação de fibras têxteis. Caso a industrialização prossiga, os recursos minerais e energéticos assumem importância decisiva. Como segundo estágio de industrialização, encontramos, então (nas regiões que possuem recursos minerais economicamente viáveis), indústrias tais como as de fundição, refinação e processamento de metais, refinamento de petróleo, indústrias químicas baseadas principalmente no carvão, petróleo, potassa, sal e outros minerais, indústria de vidro e cerâmicas. Quando existe energia elétrica barata, torna-se possível a implantação de indústrias que dela necessitam em grandes quantidades (refinação de metais não ferrosos, ligas de metais, aços especiais, abrasivos artificiais, etc.) como aconteceu na Noruega, Suíça, no Vale do Tennessee e no Vale do Rio Columbia¹³.

5 — Atinge-se o estágio final do desenvolvimento regional quando a região se especializa em atividades terciárias, produzindo para exportação. Nesse estágio a região exporta capital, mão-de-obra qualificada e serviços especiais para as regiões menos desenvolvidas. Aos custos de transporte têm sido atribuído um papel fundamental no avanço através desses estágios sucessivos de desenvolvimento. Isard resume esse efeito da seguinte maneira:

"Verificamos que, historicamente, a redução das taxas de transporte tem tido a (1) transformar padrões de produção dispersos e ubíquos em outros de crescente concentração, e (2) promover uma progressiva diferenciação e seleção entre lugares com recursos superiores

11. A teoria da localização diverge, nesse ponto, da teoria do desenvolvimento regional ao enfatizar o padrão histórico da superação do feudalismo. Como este processo tem pequena significação para o desenvolvimento americano, ele é omitido aqui. Entretanto, é parte importante do meu argumento de que os teóricos americanos da localização têm aceito, implicitamente, uma boa parcela dessa seqüência de estágios, com base na experiência européia de superação do feudalismo, sem reconhecer a significativa diferença que existe entre este padrão de desenvolvimento e o americano.

12. HOOVER & FISCHER, op. cit., p. 182.

13. HOOVER, E. M. *The location of economic activity*. p.193.

ou inferiores e entre rotas comerciais".¹⁴

III CRÍTICAS À TEORIA DOS ESTÁGIOS

Quando esta seqüência de estágios é confrontada com a história econômica das regiões americanas, surgem duas objeções básicas:

(1) Estes estágios apresentam pouca semelhança com o desenvolvimento real das regiões. Não são capazes, sobretudo, de fornecer qualquer indicação sobre as causas do crescimento e da mudança. Uma teoria do crescimento econômico regional deveria, claramente, concentrar-se nos fatores críticos que promovem ou impedem o desenvolvimento.

(2) Além disso, se desejamos um modelo normativo de como as regiões deveriam crescer, com o objetivo de analisar as causas da estagnação ou decadência, então, essa seqüência de estágios é de pouca utilidade e de fato enganadora, pela ênfase que coloca na necessidade da industrialização (e nas dificuldades de promovê-la).¹⁵

Os problemas ligados à industrialização serão abordados mais adiante, quando examinarmos as causas do crescimento regional. Por ora, estamos interessados na primeira objeção: a falta de correspondência, entre os estágios apresentados pela teoria do desenvolvimento regional e a história econômica regional dos Estados Unidos. Uma importante discrepância é imediatamente evidenciada, a saber: os Estados Unidos foram colonizados como um empreendimento capitalista. O povoamento das regiões novas e seu crescimento subsequente foram determinados pelo mercado mundial. O resultado foi um tipo de desenvolvimento bastante diferente do descrito pela teoria de crescimento regional, segundo a qual as regiões, partindo da economia de subsistência, vão gradualmente ampliando seus mercados. Desde as primeiras sociedades anônimas, ao longo de toda a expansão em direção oeste, o objetivo básico era explorar a terra e seus recursos, com o fim de produzir bens que pudessem ser comercializados "fora" e que se transformariam em renda monetária. Isso representa um marcante contraste em relação à experiência da Europa (que parece ter servido de modelo para os primeiros estágios da teoria do desenvolvimento regional), onde, apenas gradualmente, a economia orientada para o mercado surgiu a partir de economias predominantemente locais do sistema manorial. Se existiu alguma economia de subsistência em alguma re-

14. ISARD, Walter. Distance inputs and the space economy; the conceptional framework. *Quarterly Journal of Economics*, 65: 188-98, Mai. 1951.

15. Hoover e Fischer acentuam as dificuldades de se atingir um "status" industrial e sustentam que a maioria dos pontos de estrangulamento e problemas do desenvolvimento estagnado ocorrem na passagem de uma base econômica agrícola para uma industrial (op. cit., p. 182-84).

gião nova dos Estados Unidos, foi somente devido à deficiência dos meios de transporte, deficiências essas que eram rapidamente corrigidas pelos esforços coordenados dos colonizadores.¹⁶

Não se trata de negar que muitos agricultores levaram uma vida de subsistência, mas, apenas de afirmar que esse tipo de estabelecimento não tinha importância na configuração do desenvolvimento econômico da região, da mesma forma que o agricultor atual que produz para auto-consumo não caracteriza o desenvolvimento da agricultura contemporânea.

Essa afirmação pode ser brevemente ilustrada pela história econômica do Pacífico Noroeste.¹⁷ Essa região não só nunca apresentou economias de subsistência como também, desde o início, tinha seus mercados localizados muitas vezes a milhares de milhas de distância. Antes mesmo de sua ocupação geral, a Hudson Bay Company já explorava na região o negócio de peles. Com o declínio do comércio de peles e a chegada dos colonos, o trigo, a farinha e as madeiras desenvolveram-se rapidamente como produtos de exportação. Seu primeiro mercado foi a Califórnia, na década de 1840. A corrida do ouro trouxe uma tremenda expansão da demanda de trigo e madeira e a região teve um período de rápido crescimento, baseado nesses dois produtos. Em 1868, o primeiro carregamento de trigo partiu de Portland para Liverpool e, ao final dos anos setenta, o trigo macio do Pacífico Noroeste havia adquirido um papel importante no comércio mundial de trigo, partindo, anualmente, da região de Cabo Horn, uma frota de cargueiros. Em 1857, partiu o primeiro carregamento de farinha para o Japão e, a partir de então, o trigo do Pacífico Noroeste encontrou colocação nos mercados da Austrália, Havaí, Oriente, Europa, Colúmbia Britânica e Califórnia.¹⁸ Nas décadas seguintes à de 1850, uma percentagem crescente da colheita era exportada, quer como trigo em grão ou em forma

16. Com muita frequência, este esforço concentrado era dirigido no sentido de se conseguir do governo o suprimento dos melhoramentos internos necessários.
17. Este breve resumo do desenvolvimento ao Pacífico Noroeste é condensado de um projeto de pesquisa mais amplo que estou empreendendo presently. Uma confirmação dos dados encontrados aqui pode ser encontrado em:
- WATKINS, John B. Wheat exporting from the Pacific Northwest. *State College of Washington Agricultural Experiment Station Bull*, 201, Mai. 1926.
- . The Silver Anniversary Number of the *Commercial Review*. Portland, Ore. Jul. I, 1915.
- MEANY JR., E. S. History of Northwest lumbering. Harvard University, 1935. (Tese de Doutorado).
- WINNEDGE, R. W. *The Pacific Northwest lumber industry and its development*. New Haven, Yale University School of Forestry, 1923.
18. Uma parte substancial do trigo e da farinha enviada para a Califórnia foi exportada para a Europa.

de farinha. Antes do fim do século XIX, mais da metade da produção estava sendo exportada.

A história da indústria madeireira reflete uma preocupação semelhante com os mercados localizados fora da região. O primeiro embarque de madeira partiu para a Califórnia em 1847 e, durante a corrida do ouro, as exportações desse produto cresceram rapidamente. A taxa de crescimento das exportações estava diretamente relacionada com o crescimento dos mercados que se podiam atingir por vias aquáticas (principalmente a Califórnia, a Colúmbia Britânica, e alguns mercados estrangeiros). Em 1894, James J. Hill estabeleceu, para suas ferrovias, um frete de 40 centavos por quintal de madeira para Mineápolis, e a indústria começou a disputar os mercados do Meio-Oeste com a região sulina produtora de pinho. Com esse rápido crescimento dos mercados, a indústria multiplicou sua dimensão. Nos primeiros cinco anos do século XX, sua produção foi além do dobro, e a partir de então, em cada década seguinte, a produção de abeto do Pacífico Noroeste não cessou de aumentar sua participação no mercado nacional, em detrimento do pinho do Sul. A taxa de crescimento da região esteve diretamente relacionada a essas exportações básicas. Entre 1860 e 1920, a participação da extração da madeira e da moagem do trigo no produto industrial da região manteve-se entre 40 e 60 por cento. Praticamente, todo o restante do setor secundário (bem como o terciário) era passivo, no sentido de que se destinava apenas a atender às necessidades do consumo local. Seu crescimento vinculava-se, portanto, à situação cambiante dos produtos exportáveis da região.¹⁹

O trigo desempenhou um papel igualmente crucial no desenvolvimento da região, embora, nos fins do século XIX, as exportações agrícolas já apresentassem maior diversificação, incluindo vários outros produtos.

Este breve relato de desenvolvimento do Pacífico Noroeste, não tem nenhuma semelhança com a teoria do crescimento econômico regional. Não encontramos aí a evolução gradual a partir da economia de subsistência. Pelo contrário, todo desenvolvimento da região dependeu, desde o início, de sua capacidade de produzir artigos exportáveis. Nem mesmo é excepcional a história do Pacífico Noroeste. As peles e os minérios foram os primeiros produtos típicos de exportação do Oeste Americano. A América colonial exportava produtos como fumo, arroz, anil, equipamento marítimo, barcos e pescado. Mesmo a muito conhecida generalização histórica dos teóricos da localização, de que a redução dos custos de transporte transforma o padrão disperso e ubíquo de produções em outro padrão de crescente concentração, não é

19. Trataremos deste assunto, na próxima seção, de maneira mais aprofundada, limitando-nos a seus aspectos mais importantes.

válida para os Estados Unidos. Muitas regiões pioneiras dos Estados Unidos desenvolveram-se, a princípio, em torno de um ou dois produtos exportáveis e só diversificaram sua base de exportação depois que ocorreu a redução dos custos de transportes.²⁰ Em resumo, tanto essa generalização dos teóricos da localização como a discussão dos estágios iniciais feita pela teoria do desenvolvimento regional parecem ser, antes, transposições inadvertidas da experiência européia, do que inferências tiradas da história econômica deste país.

Um ponto de partida básico para a revisão de nossas perspectivas sobre o crescimento econômico regional poderia provir dos "insights" do falecido Harold Innis, em seus estudos sobre o crescimento da economia canadense.²¹ As pesquisas iniciais de Innis convenceram-no da importância crucial dos produtos primários* exportáveis, na configuração das novas economias. Investigações subseqüentes sobre o desenvolvimento dessas exportações primárias tiveram sempre o objetivo de tentar compreender "de que modo foi gerada a economia canadense e como ela se estruturou em uma economia operante."²² Uma análise dos produtos primários tornou-se a base da compreensão do desenvolvimento econômico daquele país. Além disso, essa abordagem forneceu lúcidas indicações sobre as instituições sociais e políticas do país.

O termo "produtos primários" refere-se ao principal artigo produzido por uma região. Tem sido geralmente usado para designar produtos da indústria extrativa. Uma vez que o meu conceito de produtos de exportação de uma região pode incluir produtos de setor secundário ou mesmo terciário, usarei a expressão "produtos de exportação" (ou serviços) para me referir aos itens individuais e a expressão "Base de exportação"²³ para designar, coletivamente, os produtos de exportação de

20. No Pacífico Noroeste, a base de exportação (particularmente de bens agrícolas) somente se ampliou após o advento da ferrovia.

* No original "staple".

21. Veja em:

THE FUR trade in Canada. New Haven, Yale University Press, 1920.

THE COD fishery: the history of an international economy. New Haven, Yale University Press, 1940.

PROBLEMS of staple production in Canada. Toronto, University of Toronto Press, 1933.

Em colaboração com:

LOWER, A. R. M. *Settlement and the forest and mining frontier*. Toronto, McMillan Co., 1936.

22. MACKINTOSH, W. A. Innis on canadian economy development. *Journal of Political Economy*, p.188, Jun. 1953.

Este artigo dá um excelente resumo das idéias de Innis.

23. O uso do termo "base" tornou-se popular entre os economistas e planejadores urbanos no conceito da base econômica urbana, a qual se refere às atividades de uma comunidade metropolitana que exporta bens e serviços para outras áreas. Para um histórico do desenvolvimento do conceito, veja:

ANDREWS, Richard B. *Mechanics of the urban economic base: historical*

uma região. No caso de regiões novas, tipicamente baseadas na indústria extrativa, os meus produtos de exportação e as "export staples" de Innis são sinônimos.

O procedimento típico dos colonizadores das regiões pioneiras era a experimentação de várias culturas diferentes, até que se determinasse a economicamente viável.²⁴ O sucesso de uma atividade na produção de artigos de exportação pode ser compreendido pelos princípios da teoria da localização.²⁵ O desenvolvimento de um artigo de exportação refletia uma vantagem comparativa nos custos relativos da produção, incluindo custos de transferência. Os custos de transferência de distribuição serviram para limitar a extensão do mercado exportador.

Do ponto de vista da região, a demanda pelo artigo de exportação era um fator exógeno, mas tanto o processamento como os custos de transferência não o eram. Historicamente, as regiões novas procuraram reduzir esses custos, num esforço combinado para promover o seu bem-estar econômico. Os esforços incessantes das novas regiões para conseguir melhoramentos internos subsidiados pelo governo federal, a ajuda estadual para construção de canais, a ajuda federal e estadual para estradas de ferro e melhoramentos em rios e ancoradouros eram uma parte do esforço contínuo de cada região para reduzir os custos de transferência, com o objetivo de melhorar a posição competitiva de seus produtos de exportação.²⁶

development of the base concept. *Land economics*, 29: 161-7, Mai. 1953.

24. A experiência com a cultura do bicho da seda nas Colônias do Sudeste é um caso famoso.

25. Para nossos propósitos, é conveniente seguir a classificação de custos de Hoover, ou seja, em custos de aquisição, de processamento e de distribuição veja:

HOOVER. E. M. *The location of economic activity*. p. 7-9, 15-115.

Enquanto os custos de processamento refletem coeficientes fator-insumo e preços de fator, os custos de aquisição e distribuição dependem fundamentalmente de custos de transferência.

Isard fez um grande trabalho ao tentar introduzir os problemas de espaço na teoria econômica, através do conceito de insumos de distância (o movimento de um peso unitário sobre uma unidade de distância). O preço de um insumo de distância é a taxa de transporte e, como no caso de insumos de capital, uma redução no preço causa um efeito de escala e de substituição. Os insumos de distância são simplesmente considerados como um outro fator de produção, cujo preço é a taxa de transporte, e cuja combinação ótima com outros fatores pode ser determinada pelos princípios da substituição, veja: ISARD, op. cit.

26. Tais esforços não se limitaram às atividades de pressão de grupos, mas se transformaram em movimentos políticos. Os Grangers e os Populistas estavam preocupados, principalmente, com algumas medidas econômicas que iriam, por exemplo, melhorar a posição do trigo Americano no mercado mundial de trigo ou prover o mineiro do oeste com um mercado melhor para a sua prata.

A medida que as regiões cresciam em torno de uma base de exportação, desenvolviam-se as economias externas, o que melhorava a posição do custo competitivo de seus artigos de exportação. O desenvolvimento de organizações especializadas de comercialização, os melhoramentos no crédito e nos meios de transporte, uma força de trabalho treinada e indústrias complementares, foram orientados para a base de exportação.

O esforço conjunto para melhorar a tecnologia da produção foi igualmente importante. As fazendas-modelo, as universidades estaduais e outros grupos locais de pesquisa se tornaram serviços auxiliares para as indústrias de exportação, e empreenderam pesquisas em melhoramentos tecnológicos para agricultura, mineração e qualquer manufatura que abrange a base exportadora da região.

O propósito desse esforço conjunto é de melhor capacitar a região para competir com outras regiões ou com países estrangeiros. Em regiões novas, altamente dependentes da indústria extrativa, essas economias externas e desenvolvimentos tecnológicos tendem mais que neutralizar os rendimentos decrescentes do produto primário.²⁷ Como resultado, esses esforços tendem a reforçar a dependência da região de seus atuais produtos primários ao invés de promover mudanças na base exportadora. Essa tendência conservadora é posteriormente reforçada pelo papel do capital. O capital é comumente importado para novas regiões na fase do desenvolvimento das atividades exportadoras de produtos primários. Na verdade, até que desenvolva renda suficiente para suprir uma parte substancial de seu próprio capital de investimento, uma região tem de contar com fontes externas. Supridores externos de capital tendem a investir principalmente nas atividades de exportação existentes do que em empresas novas, não testadas.²⁸

IV MODO DE CRESCIMENTO DAS REGIÕES

Esta seção vai tratar da maneira pela qual as regiões crescem. Entretanto, em primeiro lugar, devemos explorar o significado da base de exportação ao moldar todo o caráter da economia de uma região.

De início, as indústrias de exportação devem ser claramente distinguidas das "indústrias residenciais".²⁹ O termo "residencial" é usado

27. No caso da mineração, este argumento provavelmente não se sustentaria.

28. Este tipo de capital vem freqüentemente em ondas, juntamente com (ou em antecipação a) reduções substanciais nos custos ou aumentos na procura. Em consequência, o crescimento das regiões tende a ser desigual. Toda esta questão do crescimento das regiões é tratado com maiores detalhes na Seção V.

29. O termo "indústria residencial" N. T. — no original "residential industry") foi usado pela primeira vez por:

FLORENCE, P. Sargent. National resources planning board. (mimeographed

para designar uma indústria para o mercado local que se desenvolve onde reside a população consumidora. Para determinar a área de mercado de cada indústria de maneira mais precisa do que se pode fazer por uma classificação *a priori*, emprega-se o "quociente de localização" desenvolvido por Hildebrand e Mace.³⁰ O quociente de localização compara a concentração de emprego de uma determinada indústria em uma área (a economia objeto que, para os nossos propósitos, é a região) com outra área (a economia de referência, que para os nossos propósitos é a nação).

"Formalmente, o quociente de localização é o equivalente de uma fração, cujo numerador é o emprego em uma dada indústria da economia-objeto, relativo ao emprego total da economia-objeto e cujo denominador é o emprego em uma dada indústria da economia de referência, relativo ao emprego total da economia de referência. *A priori*, a localização de 1,00 não significa que a especialização relativa da economia-objeto, seja maior do que a da economia de referência, em relação à uma determinada indústria. Em cada indústria, os valores que estejam muito abaixo de 1,00 indicam uma especialização relativa muito maior na economia de referência. Se estiverem bem acima de 1,00, esses valores indicam especialização relativa muito maior na economia-objeto".³¹

release).

Mais tarde o conceito foi empregado em:

VINING, Rutledge. Location of industry and regional patterns of business cycle behavior. *Econometrica*, 14: 37-68, jan. 1946.

30. HILDEBRAND, George & MACE JR., Arthur. The employment multiplier in an expanding industrial market, Los Angeles County, 1940-47. *Review of Economics and Statistics*, 32: 341-9, ago. 1950.

P. Sargent Florence desenvolveu o conceito de um coeficiente de localização. Primeiramente, computou um "fator locacional" para cada indústria, calculando a razão entre a porcentagem do emprego de uma indústria de uma determinada região e esta mesma porcentagem para toda a nação. Se todas as indústrias fossem distribuídas igualmente entre as regiões, o fator locacional seria a unidade. "O coeficiente de localização para uma determinada indústria é obtido calculando-se o desvio médio ponderado em relação à unidade dos fatores de localização para todas as regiões, sendo que o peso para a região local é a proporção do emprego nacional total encontrado nesta região. Esta medida, dividida por dois, varia entre zero e um.

VINING, op. cit., p. 40-51.

Uma distribuição geográfica completamente homogênea daria um coeficiente de zero, enquanto a crescente concentração de indústrias numa região daria um coeficiente próximo a um. Embora este método tenha alguma diferença com relação ao de Hildebrand e Mace, o resultado é o mesmo.

31. HILDEBRAND & MACE JR., op. cit., p. 243.

No seu estudo do município de Los Angeles, esses autores variaram as economias objeto e de referência. Usando os Estados Unidos como economia de referência, usaram sucessivamente os doze estados ocidentais, os onze municípios da Califórnia Meridional e os municípios de Los Angeles como economias objeto. Depois, tomando os onze estados ocidentais como economias de referência, usaram os municípios da Califórnia Meridional e de Los Angeles

Portanto, as indústrias que produzem para exportação apresentam valores muito acima de 1,00.³²

Estamos, agora, em uma melhor posição para examinarmos o papel da base de exportação na conformação da economia da região.

Certamente, a base de exportação desempenha um papel vital na determinação do nível de renda absoluta e "per capita" de uma região. Embora o rendimento dos fatores de produção³³ nas indústrias de exportação indique a importância direta dessas indústrias para o bem-estar da região, é o efeito indireto que é mais importante. Uma vez que a indústria local depende, inteiramente, da demanda da própria região, ela tem se mostrado historicamente dependente do destino da base de exportação.³⁴ A análise de Vining indica que o emprego em uma indústria local tende a manter uma relação direta com o emprego nas indústrias de exportação. A média de emprego na indústria local em cada estado foi de aproximadamente 55% do emprego total.³⁵

Os produtos primários de exportação desempenham papel igualmente vital na sensibilidade cíclica da região; através deles as mudanças do nível de renda de outras regiões se fazem sentir na economia-objeto. Além disso, a sensibilidade da região às flutuações depende das elasti-

como economias objeto e, finalmente usaram os municípios de Los Angeles em relação à Califórnia Meridional. Como resultado, conseguiram delimitar precisamente a extensão do mercado para cada produto de exportação (embora as exportações para fora do país aumentassem o quociente de localização, naturalmente, não seriam isoladas por esta técnica.

32. Hildebrand e Mace levaram em conta algumas diferenças nas funções de demanda, o que poderia fazer com que algumas atividades residenciais aparecessem com um quociente de localização acima de 1,00. Eles chegaram a conclusão que 1,508 era o limite em seu estudo (ibid., p. 246).

Este quociente de localização não é muito apropriado para a agricultura. Nesse caso, usei um coeficiente de especialização, no qual o numerador é o volume físico da produção da região em relação ao volume físico da produção de bens agrícolas em toda a nação. O denominador é o valor absoluto da nação. Embora tal coeficiente apresente algumas limitações óbvias e deva ser usado com cuidado, é mais ajustável aos dados disponíveis do que o quociente de localização.

33. Obviamente, a distribuição da renda não monetária entre residentes da região ou de fora dela é importante. Trataremos disso na seção seguinte.
34. Esta afirmação carece de maior conteúdo e exige que se lhe façam cautelosas ressalvas. Este artigo preocupa-se, basicamente, com o desenvolvimento histórico da economia Americana e, neste caso, a afirmação não exige maiores restrições. O sucesso das regiões tem estado intimamente ligado à sua base de exportação. Entretanto, é admissível que uma região com um grande influxo de população e capital, possa simplesmente "alimentar-se de si mesma" e, dessa forma, contribuir com uma parcela substancial para o seu próprio crescimento. Mais ainda, nas regiões "maduras", mais velhas, a atividade econômica pode tornar-se tão diversificada que torne a base de exportação menos significativa. Esta questão será tratada na próxima seção.
35. VINING, op. cit., p.49.

dades-renda dos produtos primários de exportação. É claro que as regiões que se especializam em poucos produtos com altas elasticidades-renda sentirão flutuações mais violentas na renda do que as regiões mais diversificadas.³⁶

Quando nos voltamos para o papel das exportações na formação do padrão de urbanização e centros nodais,³⁷ ingressamos em um campo que tem sido mais profundamente explorado por teóricos da localização e geógrafos.³⁸ Novamente, entretanto, o trabalho pioneiro foi feito por teóricos da localização, alemães, que desenvolveram as implicações de cada estágio do crescimento econômico, com o intuito de abranger o padrão lógico de urbanização que se seguiria.³⁹ Uma vez que esses estágios não se adaptam ao desenvolvimento americano, o padrão de urbanização dos Estados Unidos difere igualmente, em muitos aspectos, dos modelos alemães. Entretanto, está além do âmbito desse artigo explorar todo o problema da urbanização e da base de exportação. Podemos notar, ao examinar as observações de August Lösch, que em áreas como Iowa, mesmo com uma melhor distribuição da produção de produtos primários agrícolas para exportação, as distâncias entre as cidades aumentam com o seu tamanho.⁴⁰ Em contraste, as cidades dos distritos carvoeiros ingleses distam igualmente uma da outra, independentemente do tamanho.⁴¹

Enquanto a discussão da distribuição espacial das áreas urbanas nos levaria muito longe, o papel da base de exportação na formação do crescimento dos centros nodais merece alguma atenção. Os nódulos crescem por causa de vantagens locacionais especiais, as quais diminu-

36. Para outras discussões sobre esse assunto, veja: VINING, op. cit.

37. O conceito de nódulos tem sido exaustivamente tratado pelos geógrafos. O termo refere-se a lugares que têm vantagens de transferências estratégicas em relação aos custos de aquisição e distribuição e, portanto, tornam-se centros de processamento. Tais pontos vantajosos são limitados em número, e tendem a se desenvolver em grandes áreas metropolitanas. Para outras discussões de nódulos, veja:

HOOVER, E. M. *The location of economic activity*. p.119-30.

38. Veja em:

ISARD, Walter. Current development in regional analysis. *Weltwirtschaftliches Archiv*, 69: 81-91, set. 1952.

Uma síntese dos recentes desenvolvimentos nesta área.

39. Encontramos uma excelente síntese da contribuição alemã em:

ISARD, Walter. The general theory of location and space economy. *Quarterly Journal of Economics*, 63: 476-506, nov. 1949

40. LÖSCH, op. cit., p. 75.

Neste artigo Lösch desenvolve um interessante modelo teórico de localização espacial.

41. Ibid., p. 75.

Encontramos uma síntese do desenvolvimento dos conceitos de organização espacial em:

ISARD, Walter. Distance inputs and the space economy. op. cit.

em os custos de transferência e processamento dos artigos de exportação. Os centros nodais se tornam centros comerciais, através dos quais as exportações saem da região e as importações entram, para a distribuição em toda a área. Nestes lugares aqui se desenvolvem meios especiais para implementar a produção e a distribuição dos produtos primários. As indústrias subsidiárias para servir à indústria de exportação, bem como os bancos especializados, os serviços de corretagem, os atacadistas, e outros negócios, se concentram nesses centros e atuam para melhorar a posição de custo do artigo de exportação.⁴²

O caráter da força de trabalho será fundamentalmente influenciado pelas indústrias de exportação. Os tipos de especialização exigidas, a periodicidade e estabilidade do emprego e as condições de trabalho moldarão as atitudes sociais da força de trabalho.

Como já dissemos, as atitudes políticas da região serão grandemente dirigidas no sentido de melhorar a posição de sua base de exportação. A extensão dessa atividade é de tal forma conhecida historicamente e tão óbvia no cenário político americano contemporâneo que dispensa maiores considerações.

V CAUSAS DO CRESCIMENTO REGIONAL

Examinamos, nas seções anteriores desse artigo, o significado da base de exportação para a economia de uma região. Tentei indicar o papel básico que as exportações desempenharam historicamente, mas ainda não toquei no problema crítico das causas do crescimento de uma região. É evidente que esse crescimento está intimamente vinculado ao sucesso de suas exportações, e pode ocorrer como resultado da melhoria da posição das exportações existentes, relativamente às áreas competitivas, ou como resultado do desenvolvimento de novos produtos de exportação. Entretanto, chegamos a uma questão importante, que deve ser examinada de início: a região precisa ou não se industrializar, se quiser continuar a crescer. Tal necessidade tem sido o princípio básico da teoria do crescimento econômico regional. Além disso, tem-se considerado a industrialização como um estágio difícil de se alcançar e, por isso, como fonte de problemas de regiões estagnadas. Hoover e Fischer mostraram três fatores que tornam difícil essa transição: (1) a necessidade de meios de transporte grandemente melhorados, o que necessita de investimentos de capital em grande escala; (2) a necessidade de intensificação da divisão geográfica do trabalho; (3) o fato de que a tecnologia

42. Estas facilidades especializadas propiciam o aparecimento de outras economias, além das economias gerais das concentrações urbanas, que resultam de coisas tais como proteção policial e ao fogo, taxas de serviços públicos mais baixas e uma força de trabalho especializada. Outras discussões sobre esses aspectos da concentração urbana, veja em:

OHLIN, op. cit., p. 203-4.

industrial é desconhecida em uma região agrícola.⁴³ Se essas afirmações forem corretas, então as implicações de nossa análise são claras. Em alguma época, as regiões devem se transformar, de uma base extrativa, em uma base exportadora industrial, e essa transformação estará cheia de dificuldades. Entretanto, tanto a alegação de que as regiões devem se industrializar para poder continuar a crescer, assim como a alegação de que o desenvolvimento das indústrias secundária e terciária é, de certa forma, difícil de se alcançar, baseiam-se em algumas incompreensões fundamentais.

A importância da industrialização fundamenta-se na noção de que, com o aumento da população e a diminuição dos rendimentos da indústria extrativa, a mudança para a manufatura é o único modo de manter o crescimento sustentado (medido em termos do aumento da renda *per capita*). Esse argumento foi reforçado por evidências tais como a conclusão do Dr. Louis Bean, ao correlacionar a renda *per capita* com a percentagem da força de trabalho engajada nas ocupações primária, secundária e terciária, por estados, para 1939.⁴⁴ Os dados de Bean pretendem demonstrar que o aumento da industrialização conduz ao aumento da renda *per capita*, e chega ao ponto de dizer que "um aumento de 10% no progresso industrial no leste e no sul... aparentemente tende a aumentar de \$100 a \$150 (preços de 1939) *per capita*, e bem mais nos estados ocidentais".⁴⁵ Na verdade, as estatísticas de Bean não provam isso, e as implicações para a política de tais generalizações podem ser confusas e perigosas.

② Em primeiro lugar, podemos observar que sua correlação não é muito expressiva. Existiam onze estados, nos quais a percentagem da força de trabalho nas ocupações primárias estava acima da média nacional, cuja renda *per capita* também excedia à média nacional, ou estava bem perto da média de modo que as variações anuais podiam colocá-la de um lado ou de outro. Na verdade, se tivesse sido feita para os anos pós-guerra, a correlação teria sido substancialmente diferente.⁴⁶

Além disso, os dados de renda monetária subestimam significativamente a renda real do fazendeiro,⁴⁷ por causa da grande variedade de

43. Op. cit., p. 182. Hoover e Fischer continuam assinalando que "outras dificuldades surgem do fato de que quando uma região não industrial atinge um certo limite de crescimento é provável que retroceda ou entre em decadência". (ibid., p. 184).

44. STUDIES in income and wealth, VIII. New York, National Bureau of Economic Research, 1946, p.128-9.

45. Ibid., p.137.

46. Ver em:

STATE income payments in 1950. *Survey of Current Business*, p.18, Ago. 1951.

47. Existe também a evidência de que as rendas monetárias são desproporcionalmente subestimadas.

bens e serviços produzidos na fazenda, que requerem pagamento à vista na cidade.⁴⁸

Entretanto, a fonte real do erro foi a má interpretação da natureza da economia. Um estado cuja base de exportação consiste principalmente, de produtos agrícolas pode ter uma porcentagem baixa de sua força de trabalho na atividade primária e uma alta porcentagem, nas ocupações terciárias e ainda ser basicamente dependente da agricultura, em razão da alta renda *per capita* que esta possui. São os produtos agrícolas de exportação que fornecem a alta renda que permite ao estado sustentar um alto nível de serviços. Num caso como esse as atividades secundárias e terciárias são "locais", e somente podem sobreviver em razão do sucesso da base de exportação. Em resumo, nesta situação, uma variação percentual do emprego do setor primário para os setores secundário e terciário não reflete, necessariamente, uma mudança da dependência da agricultura para dependência da manufatura e serviços. Ao contrário, pode significar o simples fato de que os fazendeiros estão recebendo altas rendas por suas culturas agrícolas e, assim, compram mais bens e serviços das indústrias locais.

Isso nos conduz ao problema relacionado da dificuldade de industrialização. A implicação do parágrafo precedente é que uma quantidade substancial de indústria secundária do tipo local se desenvolverá automaticamente, como resultado das altas rendas recebidas dos produtos de exportação. Nem é esse o único tipo de manufatura que se espera desenvolver. Podemos distinguir quatro tipos diferentes de manufaturas a serem desenvolvidas.⁴⁹

1 — Indústrias orientadas para as matérias-primas que, em razão das acentuadas vantagens de transferência do produto manufaturado sobre a matéria bruta, se localizam junto à fonte desta última. Entre as indústrias dessa categoria estão a refinação de açúcar de beterraba, moagem de farinha⁵⁰ e madeireira⁵¹. Tais indústrias podem atingir estágios posteriores de integração vertical, até que as vantagens dos custos de transferência se tornem igualizadas. Essas indústrias são, tipicamente,

48. Ver em:

REID, Margaret. Distribution of non-money income. In: ———. *Studies in income and wealth*. New York, National Bureau of Economic Research, 1951.

Ver também em:

VINER, Jacob. *International trade and economic development*. Glencoe, Free, Press, 1952. p.63-73.

O professor Viner faz algumas críticas severas ao argumento de Bean.

49. Esta classificação é semelhante à de:

COHN JR., E. J. *Industry in the Pacific Northwest and the location theory*. New York, Columbia University Press, 1954. p.42-4.

50. Entretanto, as prerrogativas da moagem em trânsito podem modificar esta orientação para as matérias primas.

51. FLORENCE, op. cit. cap. VI.

parte da base de exportação.

2 — Atividades de serviço para a indústria de exportação; por exemplo, fundições e fábricas de ferramentas para máquinas, implementos agrícolas especializados, e equipamentos para corte e transporte de toros de madeira.

3 — Indústria local que produz para o consumo local.

4 — Indústrias sem raízes, em que os custos de transferência não são de grande importância para sua localização. Uma grande parte dessas indústrias se desenvolve simplesmente ao acaso em uma localidade.⁵²

Enquanto as indústrias sem raízes se desenvolvem tipicamente ao acaso, os outros tipos de atividade secundária se desenvolvem por causa das vantagens locacionais de uma sociedade receptiva aos estímulos da maximização do lucro. Não existe dificuldade para o desenvolvimento de tais indústrias. As dificuldades surgem quando se procura desenvolver, em uma região, indústrias que sejam simplesmente inadequadas para a área e que, além disso, podem ser mantidas apenas sob condições de estufa.⁵³

Pode-se avançar nestas idéias argumentando que os tipos de indústria acima descrito não constituem industrialização. Quanto e que tipo de indústrias secundárias precisa possuir uma região para ser chamada de "industrializada"? Pela classificação do censo de 1950, o estado de Oregon tinha quase 24% da sua força de trabalho na manufatura, o que estava apenas ligeiramente abaixo da média dos Estados Unidos (25,9%) e excedia a média dos Estados Unidos em bens duráveis (16,7% comparada com a média nacional de 13,8%). Estava bem à frente dos estados vizinhos de Washington e Califórnia, apesar do fato de que esses dois estados tinham uma variedade de indústrias manufatureiras, ao contrário da dependência especializada de Oregon da indústria Douglas de madeiras de pinho. Esse estado é industrializado? Implícito no conceito, pare-

52. Para outras discussões sobre essas indústrias ver:

NATIONAL RESOURCES COMMITTEE. *The structure of the american economy*; basic characteristics. Washington, Government Printing office, 1939. p.36. part. I.

53. Isto não significa que não haja lugar para uma política pública apropriada capaz de criar benefícios sociais gerais que tornem factíveis algumas indústrias. Não posso fazer nada melhor aqui do que citar Viner: "Não existem vantagens inerentes da indústria sobre a agricultura ou da agricultura sobre a indústria. Só de maneira arbitrária se poderia traçar uma linha separando as duas. A escolha entre expansão da agricultura e das manufaturas pode, na maioria das vezes, ser deixada para a livre decisão dos capitalistas, empresários e trabalhadores. Na medida em que haja a necessidade de decisões governamentais, estas devem ser tomadas em bases racionais, à luz de considerações de custos e rendimentos comparativos de alocações alternativas dos recursos nacionais escassos, ou seja, recursos humanos e materiais". (op. cit., p. 72).

ce estar a noção de que a industrialização está ligada, de alguma forma, com o aço e as indústrias de bens de capital. Entretanto, historicamente, a vantagem locacional do carvão e do minério de ferro, moldou o desenvolvimento dos centros produtores de aço, o que, por sua vez, atraiu e concentrou a indústria pesada.⁵⁴ Embora as influências locais da indústria do aço venham sendo significativamente alteradas na última metade do século com a importância crescente da sucata e a mudança na composição dos insumos,⁵⁵ são bastante limitadas as áreas suscetíveis de desenvolvimento de uma eficiente produção de aço em grande escala,⁵⁶ e, portanto, da indústria de bens de capital. Um conceito de industrialização mais útil para os nossos propósitos é o de uma região, cuja base de exportação consiste, principalmente, de bens de consumo finais e/ou bens manufaturados intermediários.

Neste ponto, podemos resumir o argumento da seguinte maneira: (1) Não existe razão porque todas as regiões devam se industrializar para continuar a crescer. (2) Uma grande quantidade de indústria secundária (e terciária) se desenvolverá automaticamente, seja por causa das vantagens locais da indústria orientada para as matérias-primas, seja como um reflexo passivo do crescimento da renda da região, resultante do sucesso de seus produtos de exportação. (3) O conceito de industrialização é um conceito ambíguo, que precisa de maior elucidação se se deseja sua utilização.

Visto que o crescimento de uma região está vinculado ao sucesso de sua base de exportação, devemos examinar com mais detalhes as razões do crescimento, declínio e mudança da base de exportação. Obviamente, o declínio de um produto de exportação deve ser acompanhado pelo crescimento de outros, ou então, a região ficará "encllhada".⁵⁷ Entre as razões principais⁵⁸ para o declínio de um produto de exportação, estão as mudanças na demanda exterior à região,⁵⁹ a exaustão de um recurso natural,⁶⁰ os custos crescentes de terra ou trabalho, em relação aos de uma região competidora,⁶¹ e as mu-

54. FLORENCE, op. cit., p.162.

55. ISARD, Walter. Some location factors in the iron and steel industry since the early nineteenth century. *Journal of Political Economy*, 56: 213-17, 1948.

56. A grande utilização de sucata torna possível a produção de aço, em pequena escala, como indústria residencial, nos lugares em que o mercado local atinge um certo tamanho.

57. A região desmatada na área dos Grandes Lagos é um exemplo.

58. Para outras discussões acerca da movimentação das indústrias ver: FLORENCE, op. cit., p.92-104.

59. Assim como o declínio na procura de chapéus de castor que afetou o comércio de peles.

60. Exemplificada pela indústria de madeira dos Grandes Lagos.

61. O exemplo mais famoso é o declínio da indústria têxtil da Nova Inglaterra.

danças tecnológicas que alteram a composição relativa dos insumos.⁶² Uma razão, historicamente importante, do crescimento de novas exportações foi o maior desenvolvimento dos transportes (em contraste com simples melhoramentos que visam à redução de custos de transporte, o que pode reforçar a dependência dos produtos de exportação existentes). Frequentemente, tais desenvolvimentos têm permitido a competição de uma região com outras, na produção de bens que eram, anteriormente, economicamente impraticáveis, por causa dos altos custos de transferência.⁶³ O crescimento da renda e da demanda em outras regiões,⁶⁴ além dos progressos tecnológicos,⁶⁵ também foram importantes. A participação do governo estadual e federal na criação de benefícios sociais básicos resultou em novos produtos de exportação em muitas regiões,⁶⁶ e a importância da guerra na promoção de indústrias que podem continuar suas atividades, ou deixar um resíduo de investimento de capital para a utilização em época de paz, também foram importantes.

Uma região pode se expandir como resultado do crescimento da demanda de seus bens de exportação existentes, seja devido a um aumento da renda na área de mercado, ou a uma mudança dos gostos. Da mesma forma, um melhoramento na posição de custo de processamento, ou de transferência, dos produtos de exportação da região em relação a regiões competidoras, promoverá o desenvolvimento.

Historicamente, em uma região jovem, a criação de um novo produto de exportação, ou a expansão de um já existente, tem resultado no influxo de investimento de capital na indústria de exportação e em todos os tipos de atividades passivas de apoio descritas acima. Meier descreveu esse processo, focalizando a economia canadense, na primeira década do século XX, quando a crescente demanda mundial de trigo não apenas permitiu uma expansão de armazéns, transporte, utilidades públicas e construção nas províncias Prairie, mas também, através do crescimento da renda, aumentou a demanda de produtos secundários e, dessa forma, induziu investimentos em muitas outras indústrias.⁶⁷ Conseqüentemente, o crescimento de uma região será, pro-

62. Assim como o caso do aço acima citado.

63. Toda a história do desenvolvimento dos canais e ferrovias contém inúmeras ilustrações de tais desenvolvimentos. Ver, em: ISARD, op. cit. p. 90-112.

64. O crescimento da demanda de trigo na Inglaterra e no continente Europeu na última metade do século XIX é um exemplo famoso.

65. O desenvolvimento da indústria de petróleo é uma ilustração típica.

66. O desenvolvimento da energia hidroelétrica no Pacífico Noroeste e o resultante desenvolvimento da indústria de alumínio é um exemplo.

67. MEIER, G. M. Economic development and the transfer mechanism. *Canadian Journal of Economics and Political Science*, 19: 1-19, fev. 1953.

M. C. Daly tentou fazer um multiplicador geográfico entre indústrias "localizadas", e "não-localizadas", usando dados para a Inglaterra relativos à de-

vavelmente, desigual, sobrevivendo em surtos de maiores investimentos, ao invés de se proceder em ritmo uniforme.

O aumento de investimento em capital na indústria de exportação se destinará à obtenção do tamanho ótimo da empresa, ao aumento da mecanização dos processos e ao desenvolvimento posterior de serviços especializados para exportação. A fonte de capital desempenhará um papel importante no crescimento da região. Comumente, o capital investido nas regiões jovens, vem de fora. Os lucros (e algumas outras rendas que não salários) saem da região. Na medida em que a base de exportação se torna lucrativa, uma parte dessa renda é reinvestida na sua expansão.

Com o crescimento da população e da renda, as poupanças locais aumentam. Tanto estas como o capital reinvestido podem fluir para as indústrias de exportação apenas até certo ponto, e depois o capital acumulado tenderá a fluir para outras atividades. Como foi descrito acima, uma parte irá para a indústria local e para as indústrias subsidiárias da exportação; mas também pode ocorrer que outras partes desse capital se dirijam para as indústrias "sem raízes", que podem começar a servir apenas à região, mas que podem se expandir de modo a se tornarem indústrias de exportação.

Nesse ponto a região não é mais jovem. Os benefícios sociais básicos, criados através da pressão política ou como parte do padrão de desenvolvimento urbano, o desenvolvimento de uma força de trabalho treinada e o capital local tornam muito fácil o desenvolvimento de novas exportações. Quer sejam essas indústrias originalmente locais e, pela superação gradual das desvantagens do custo de transferência, venham a se tornar indústrias de exportação, ou quer sejam originalmente indústrias sem raízes, não significativamente afetadas pelos custos de transferência, o resultado deverá ser a ampliação da base de exportação. À medida que essa região amadureça, a base primária se torna menos distinguível, pois sua produção será muito variada.

Portanto, podemos esperar que as diferenças entre as regiões sejam menos marcantes, que a indústria secundária se torne mais igualizada e, certamente, em termos econômicos, que o regionalismo tenda a desaparecer.

VI

É propósito deste artigo reexaminar a teoria da localização e a

cada 1921-31.

DALY, M. C. An approximation to a geographic multiplier. *Economic Journal*. 50: 248-58, jun./set., 1940.

Ver também:

HILDEBRAND & MACE JR., op. cit.

teoria do crescimento econômico regional, à luz do desenvolvimento histórico das regiões dos Estados Unidos e de adiantar algumas proposições que podem levar a uma nova teoria do crescimento econômico regional.

Argumentou-se que os estágios traçados na teoria do crescimento econômico regional têm pouca relação com o tipo de desenvolvimento americano, e, mais especificamente, não focalizam os elementos cruciais que nos permitem entender esse crescimento. Além disso, a teoria tradicional tem implicações normativas que podem ser fundamentalmente errôneas.

O primeiro estágio de subsistência foi relativamente sem importância e, se realmente existiu, foi mais porque faltaram os meios de transporte do que por causa de uma não orientação para o mercado. Na Europa, uma economia de subsistência ou de uma pequena povoação, com mercados locais, figurou, durante séculos, como parte de sua estrutura social e econômica. Na América, a subsistência existiu apenas como uma condição de fronteira, que deveria ser superada assim que os meios de transporte pudessem ser construídos.

O segundo estágio da teoria se baseia em uma ampliação gradual da área de mercado com melhores condições de transporte, e no desenvolvimento de um segundo estrato para servir ao estrato agrícola básico. Longe de se movimentar através de uma tal progressão gradual, as regiões americanas, tão logo o permitiram os meios de transporte, desenvolveram, muitas vezes, bens de exportação para mercados situados à milhares de milhas de distância. Os primeiros centros das cidades se localizavam de forma a não apenas servir o estado agrícola como também para implementar a exportação dos produtos básicos da região. A prosperidade da região dependia do seu sucesso na competição com outras áreas produtoras dos mesmos produtos de exportação básicos. Dessa forma, os esforços políticos e econômicos da região se orientavam para a redução dos custos de processamento e transferência. A luta por melhoramentos internos no oeste, a pressão agrária pela inflação e pelo crédito mais barato e a campanha pela cunhagem livre da prata significaram, fundamentalmente, movimentos econômicos. Seus objetivos incluíam o aumento da oferta de capital, a eliminação da discriminação real ou velada de transporte, a redução das taxas de juros, e o melhoramento do mercado da prata, embora muitos desses movimentos, também pudessem estar relacionados com a justiça social.

O terceiro estágio do crescimento regional tem sido descrito como a mudança gradual do cultivo extensivo para o intensivo. Embora seja verdadeiro o fato de que os crescentes valores da terra promoveram tal mudança, existem muitas outras razões que explicam uma mudança na base de exportação. Os novos meios de transporte, as variações da demanda, os novos desenvolvimentos tecnológicos, a mudança nas

relações de custos em confronto com outras regiões competidoras, os subsídios do governo para benefícios sociais básicos, e a guerra, foram todos importantes.

A mudança de uma base agrícola para uma base industrial é considerado o passo mais difícil, mas indispensável, para o crescimento econômico sustentado. O argumento principal desse artigo é o de que tal passo pode não ser necessário nem desejável, e que a evidência comumente desenvolvida para apoiar esse argumento nada prova nesse sentido. Não há nada que impeça que a população e a renda per capita cresçam em uma região cuja base de exportação seja agrícola. Além disso, não é difícil desenvolver a indústria secundária e terciária em tal região. Na verdade, elas se desenvolverão automaticamente, muitas vezes em extensão tal que a análise da região, em termos da distribuição do emprego, nos levará à conclusão de que ela é uma região industrial.

Têm-se, comumente, caracterizado o estágio final como o de economia regional madura, exportadora de capital e de técnicas e serviços especializados para regiões menos desenvolvidas. Embora isso possa ser verdade para algumas regiões, não significa um estágio final para todas. Com toda a certeza, pode-se presumir que algum tipo de relação equilibradora venha a surgir entre as regiões, à medida que os custos de transferência se tornem menos significativos e os diferenciais de renda tendam a ser aplainados pela mobilidade dos fatores a longo prazo.

As principais proposições que emergem desse artigo são:

1 — Para os propósitos dos economistas, o conceito de uma região deveria ser redefinido, a fim de salientar que a coesão unificadora de uma região, acima e além das semelhanças geográficas, é o seu desenvolvimento em torno de uma base de exportação comum. É isso que a torna unificada economicamente e vincula as riquezas de área. Isso tende a resultar no desenvolvimento interdependente de economias externas dentro da região e a unificar esforços políticos visando a ajuda governamental ou a reforma política. O geógrafo enfatizou as funções distributivas dos centros nodais de uma região, mas o papel do centro nodal no suprimento das economias externas para as indústrias de exportação é igualmente importante.

2 — O sucesso da base de exportação foi o fator determinante da taxa de crescimento das regiões. Além disso, para entender esse crescimento, devemos examinar os fatores locais que possibilitaram o desenvolvimento dos produtos primários.

3 — A importância da base de exportação é o resultado de seu papel básico na determinação do nível de renda absoluta e per capita de uma região, e conseqüentemente, na determinação da quantidade de atividades locais, secundárias e terciárias, que se desenvolverão.

A base de exportação também influenciou significativamente o tipo da indústria subsidiária, a distribuição da população e o padrão de urbanização, o tipo da força de trabalho, as atitudes sociais e políticas da região e sua sensibilidade a flutuações da renda e do emprego.

4 — Numa região jovem a dependência dos produtos primários é reforçada pelos esforços conjuntos dos habitantes da região, para reduzir os custos de processamento e de transferência, através da pesquisa tecnológica, dos subsídios dos governos estadual e federal para melhoramentos sociais básicos, assim como através da tendência dos fornecedores de capital de fora da região para reinvestir na base primária existente.

Isto só ocorre em países desenvolvidos.

5 — Por causa das vantagens locacionais, algumas regiões desenvolveram uma base de exportação de produtos manufaturados, mas esse não é um estágio necessário para o crescimento sustentado de todas as regiões. Uma grande quantidade das indústrias secundária e terciária resultará do sucesso da base de exportação. Essa indústria local, com toda probabilidade, irá dar condições à ampliação da base de exportação, à medida que se desenvolve a região.

6 — O crescimento das regiões tem sido desigual. Um determinado aumento da demanda dos produtos de exportação da região (ou uma redução significativa dos custos de processamento ou de transferência) tem dado origem a efeitos múltiplos na região, ao induzir o aumento de investimentos não apenas na indústria de exportação mas, também, em todos os outros tipos de atividade econômica.

7 — À medida que cresce a renda da região, as poupanças locais tenderão a se extravasar para novos tipos de atividades. Em primeiro lugar, essas atividades satisfazem a demanda local, mas ulteriormente, algumas delas se tornarão indústrias de exportação. Esse movimento é reforçado pela tendência dos custos de transferência de se tornarem menos importantes. Como resultado, as bases de exportação das regiões tendem a se tornar mais diversificadas e tendem a perder sua identidade como regiões. Finalmente, a longo prazo, podemos esperar, com a mobilidade, uma maior equalização da renda per capita e uma dispersão mais ampla da produção.